

PROSA FÉRTIL

LUCAS DAMAS GALLIPP PROVENZANO

No último dia 16 do corrente mês de outubro, tive a oportunidade exultar de estar presente em evento na Câmara Municipal de Monte Sião, nele, foi divulgado o documentário homônimo ao título deste artigo, “Prosa Fértil”, que, em quatro episódios, propõe-se a retratar a realidade dos produtores rurais responsáveis pelo abastecimento das merendas escolares do nosso Município, produção disponível no “YouTube” (no link: <https://www.youtube.com/@prosafertil>). A obra produziu em mim tal efeito arrebatador, que decidi substituir o texto elaborado para o mês de outubro, veiculado nesse periódico, por minha fala (realizadas as devidas adaptações, correções e acréscimos) após testemunhar o “teaser” do referido documentário, na esperança de o presente texto se amoldar à serventia de estimular o público leitor a conferir tão zelosa produção (idealizado e dirigido por Bruno Labegalini Zucato; direção de fotografia e edição de Lucas Fuah e Leonardo Silvério; comunicação e mídias sociais por Marcelo Taveira).

“Pela total insuficiência do meu raciocínio, valer-me-ei de vozes ou-

tras para tentar abarcar a polifonia poliédrica apresentada nessa noite. A fala do Lucas (Fuah, um dos responsáveis pela produção), fez com que eu me rememorasse do quanto aprendi na minha primeira designação na Polícia Civil, após a Acadepol, na cidade de Águas Formosas, em especial na zona rural daquela região e do contato estabelecido com as aldeias Maxakali (Água Boa e Pradinho), responsáveis pela ilustração da total incapacidade de palavras retratarem a experiência vivida naquele momento.

A parte do documentário aqui exposta, fez-me lembrar de um romance de Eça de Queiroz, “A Cidade e as Serras”, dado passar a trajetória de três gerações e seu afastamento da vida no campo, culminando no total desprazer do protagonista Jacinto com o cotidiano citadino, realçadamente fincado na filosofia pessimista de Arthur Schopenhauer (sintetizada na máxima do “viver é sofrer”), somente estilhaçado quando Jacinto passa a conhecer a vida nas “Serras” (materializada na cidade de Tormes em Portugal). Algo que, ao menos em minha vida, somente tangível conhecer pela experiência, pela presença, de maneira, até então, apenas resvalada pela leitura.

Nesse sentido, imperioso destacar o fato de o referido romance pertencer à Escola do Realismo literário, logo, desprovido de maiores romantismos fugidios e elucubrações outras. Trata-se de fenômeno vivenciado por todos aqueles capazes do vislumbre da capacidade do agro brasileiro, não apenas em prover o alimento em solo pátrio, mas também para outras nações dependentes de nossa produção, verdadeiro antídoto ao costumeiro viralatismo brasileiro, materializado na postura de depreciar e hostilizar todo o proveniente de nossa terra.

Incontornável a parabenização de todos os envolvidos no referido projeto, no concernente ao aspecto cinematográfico do tema; às luzes lançadas sobre projetos que valem a pena; aos produtores rurais; à nutricionista responsável pela elaboração do cardápio (doutora Isabele de Melo); às responsáveis pelo preparo das refeições das crianças e adolescentes de Monte Sião. Em especial, pela relevância, conforme mencionado anteriormente pela nutricionista, de se elaborar educação alimentar desde o nascedouro da caminhada acadêmica, consubstanciada em desvincularem-se do apreço por produtos ultraprocessa-

dos, algo aparentemente vantajoso pela perspectiva econômica imediata, mas desencadeadora de verdadeira miríade de problemas de saúde vin-douros.

No mais, em se falando de vozes inspiradoras, minha esposa dividiu comigo, há poucos instantes, quando estava sentado ao seu lado nessa exposição, momento por ela vivenciado, digno de cena retratada pelo Nobel de Literatura, Alexander Soljenítsin, em “Um dia na vida de Ivan Denisovich”. Relatou-me ela: “presenciei um colega, ainda criança, desmaiar na escola”; “Por qual razão?” (perguntei-lhe); “Porque era segunda-feira” (disse-me), e, vendo que eu ainda precisava da conclusão, arrematou: “Não tinha comido no final de semana e não teve forças para aguardar a alimentação daquele dia”. Se o aleitamento materno é imprescindível para o desenvolvimento intelectual-cognitivo dos neonatos, o mesmo se dá até o pleno desenvolvimento da pessoa humana.

Por fim, parabeno a todos por evidenciarrem uma Monte Sião muitas vezes oculta, responsável pela produção do alimento de nossas crianças, inescapável para seu pleno desenvolvimento físico e intelectual. Isso é algo em

que acredito fortemente, qualquer conquista em minha vida adveio de estudo, bem como a compreensão do mundo demandou alicerces aptos ao embasamento de qualquer conhecimento. Daí ser injustificável a atribuição a Confúcio da frase: “aquece que trabalha com aquilo que ama, não trabalha um dia de sua vida”, primeiramente, por não constarem dos “Analectos”; segun-

damente, por se tratar de homem de profunda sabedoria, responsável por influenciar o pensamento filosófico chinês por mais de um milênio, assim, certamente conhecedor do fato de se trabalhar com algo amado requerer muito esforço, quiçá acima do usual, entretanto, justamente por se amar, inspira em seu agente a força para persistir. Obrigado.”

COLAGEM

(haikai)

Cato retalhos,

Ajeito e organizo...

Eis, minha vida!

Y Endo

DOCES DA MARCULA

Saudosos e deliciosos doces da Marcula
Pé-de-moleque abóbora e as cocadas
Com as crianças e adultos matando a gula
Com a brevidade e as paçocas açucaradas

Saudosos doces de tabuleiro
De maçã verde de cidra e de mamão
Em caldas o verde do pessegueiro
E também doce de leite com açúcarão

Mas quem é que pode esquecer
Daqueles doces magistrais
Que Dona Marcula fazia ao amanhecer
E que a gente não esquece jamais

Eram doces bem doces que adocicavam
Paladares dos mais requintados e exigentes
São doces saudades que restaram
Adocicando docemente a alma da gente

Não vemos mais aquelas doceiras de
[antigamente]
Vendendo seus doces de porta em porta
E como alegravam crianças inocentes
Não era o gasto do tostão mas o sabor
[que importa]

Aqueles adocicados doces não tinham validade
E pra quê receber essa reprimenda
Se quem mandava nos doces era a felicidade
De estar comprando nos bares ou nas vendas

Mas como é gostoso poder sonhar acordado
Com aquelas delícias na boca saboreando
Não se importando se os doces eram feitos
[com melado]
E nas panelas de ferro estando apurando

Doces doces de ilusão
Doces doces da infância
Doces doces de tostão
Doces de eterna lembrança

(Compilado ao lera crônica ‘O Tabuleiro da Marcula’, de Ivan Mariano, publicada no Monte Sião, janeiro de 2025)

Arlindo Bellini

CRÔNICAS DA MINHA GENTE AGUAPÉ

IVAN

Para Ivone.

O menino disse ao pai “Um dia, ainda vou ser um rio. Porque o rio não se importa com as curvas que querem desviá-lo do seu curso, nem com a areia que deseja empurrá-lo para fora das margens, nem com as árvores que pretendem atravancá-lo na intenção de contê-lo. Ele desliza, devagar ou depressa, sempre na direção de alguma

coisa maior, desejando crescer. O rio é seguro do seu destino. Eu quero ter a segurança do rio. Um dia, eu ainda vou ser rio”.

Os anos se passaram, o menino não desistiu de ser rio. Tanto teimou ao transpor os muros do tempo, em forçar as portas que lhe foram fechadas, em subir em busca de estrelas, em derrubar barreiras, em lutar contra o vento que, um dia começou a se derreter, a

verter água e gotejar. Formou-se um filete, que se avolumou, pôs-se a correr, engrossou, já era correnteza e, fazendo-se córrego, desceu a Rua Direita. Lá embaixo, em vez de se juntar ao riacho para aumentar o volume que tanto desejava, viu a mocinha na porta da loja e correu para ungir-lhe os pés, levando-a consigo, a flu-tuar em suas águas. A mocinha virou aguapé e mora nele, no riozinho. A cada pas-

sinho, Aguapé exala uma flor branca para enfeitar e perfumar o corguinho que agora é dela.

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, co-laborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020.

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 84

ISMAEL RIELI

Shirley Pereira, um Batalhador.

Filho do Zé do Albinho e da Anita Gotardello, Shirley sempre foi muito trabalhador.

Nas décadas de 50 e 60 o tricô ainda não tinha explodido e os empregos e perspectivas vasqueiros em Monte Sião.

A irmã Neide casou com Geraldo Molina e mudou pra São Paulo onde, morou no ultimo andar do Banco Federal de Crédito na Libero Badaró, pertinho do Largo São Bento e da São João.

Embora com o coração apertado Shirley também foi pra São Paulo, onde se empregou ascensorista do banco. Haverá emprego mais claustrofóbico do que ascensorista? 6 horas dentro de uma caixa que sobe e desce ouvindo pedaços de conversas. Saindo do estafante trabalho, depois de um rápido almoço, Shirley foi balconista da Casa Bayard que vendia armas na mesma Libero Badaró. Trabalhava 12 horas por dia.

Shirley, meu irmão Zezé e eu morávamos na pensão da Dona Aurea, na Rua Santo Antônio 573, pertinho do TBC – Teatro Brasileiro de Comédia, no tradicional Bixiga. Nós três num quarto da frente. Quando Dona Aurea, que dava café, almoço e janta, fechou a pensão, mudamos pra Rua Álvaro de Carva-

lho, perto da Biblioteca Municipal, da Ladeira da Memória, do Anhangabaú num quarto do apartamento (ele e a companheira moravam juntos) do ex jogador Brandãozinho. Ali paramos pouco e mudamos pra Rua Dona Veridiana, 207, atrás da Igreja Santa Cecilia um pouco mais longe do serviço de Shirley, mas pertinho do Mackenzie onde estudei por 7 anos.

Shirley aos domingos assistia às missas da Igreja da Consolação. Tio Zé do “Arbino” que Tia Anita chamava “meu faixa branca” (tinha uma faixa de cabelos brancos dividindo os pretos). Foi acometido por um infarto.

Shirley, imediatamente, deixou tudo e voltou pros pais, iniciando nova etapa da vida.

Trabalhador incansável, costumaz, começou num comodinho do sobrado da Rua Direita, a vender alguns itens para construção.

O troço prosperou e em pouco tempo ele instalava seu depósito de material de construção, o pioneiro da cidade que lá esta na Rua JK até hoje.

Econômico, prosperou e não parou de crescer. Comprou lotes, casas, glebas, sítios. Construiu casas, lojas.

Dizem as más línguas que, empilhados, os carnês do IPTU de Shirley medem mais de meio metro de altura.

Shirley chamava de

Tubarão meu irmão e a mim chamava-me de Tubarãozinho. Quem se tornou um Tubarão, por mérito, foi ele. Um Tubarão generoso.

Conta Dito da Vaca, popular caminhoneiro que conhece todo mundo, que sabe tudo da vida de cada conterrâneo, um papo agradável, que desanimado da vida, o quase anão Pecinho resolveu enforçar-se. Shirley que também atendia no balcão ao lado de funcionários de duas, três décadas, atendeu Pecinho que veio comprar 2 metros de corda.

Perspicaz, Shirley percebeu o intento do baixinho: cortou 3 metros e não cobrou. Pecinho pulou do galho, quebrou a perna ao lado das cordas que sobraram.

Meu primo nunca foi semostrador. Podia circular numa Mercedes, mas circulava numa Brasi-linha branca antiga, veículo sempre à disposição de quem necessitasse: parente, aderente. Ele próprio levava muita gente pra médicos e hospitais de outras cidades. Sempre em contato com os parentes por parte de mãe: Tia Nestinha em São Paulo, Tio Nino em Londrina.

De obras benemerentes participava de todas: reforma de igrejas, ajuda ao asilo, culturais...

Shirley. Presente, humano, companheiro, solidário, generoso, servicial, participante, atuante,

religioso, trabalhador, econômico, decidido, um self made man, bondoso, caridoso, dedicado, cor-dato, pacificador, discreto.

Não merecia o sofrimento de quase 10 anos que enfrentou.

Não o visitava como deveria porque muito me emocionava vê-lo entendendo o que se falava, incapaz de expressar-se.

Ao descansar aos 87 anos, meu Primo e com-panheiro deixa uma legião de amigos e muitas boas lembranças à terra em que nasceu e que tanto amou.

Não confundir neutralizar com harmonizar

Harmonizar: por em harmonia; conciliar; con-graçar escrever o acompanhamento musical de uma melodia. Ultimamente tem-se usado o verbo harmonizar para cuidar da beleza, da aparência, botoxar.

Neutro: no latim havia 3 gêneros: masculino, feminino e neutro.

O inglês tem 3 pronomes he (masc), she (fem) e it (neutro).

Neutro, apartidário; que não toma partido nem a favor, nem contra; indefinido; vago; indeterminado; indiferente; nação cujo território as potências se comprometem a respeitar, em caso de beligerância, como a Suíça.

Neutralizar: destruir; anular.

Agora, eufemisticamente, neutralizar virou

sinônimo de matar, eliminar, dar cabo.

Os Kids Pretos, deslocados de Anápolis para Brasília, tinham a “nobre” missão de “NEUTRALIZAR” o presidente, o vice e o Xandão. Por pouco não lograram o intento.

Numa farmácia, a mineira Catrumana Ministra Carmen Lucia foi abordada por uma senhorinha que não via nenhum crime em Braga Neto que queria harmonizar o Xandão. Carmen explicou o que ele queria era neutralizar o Careca e por isso, por um bom tempo, 26 anos, vai ver o sol nascer quadrado.

EUFEMISMO “Recurso linguístico pelo qual se substituem por palavras e expressões mais elevadas outras mais plebeias ou mal significantes”.

Ato de suavizar a expressão duma idéia substituindo a palavra própria por outra mais polida.

Em vez de morrer: entregar a alma ao criador, partiu desta para outra melhor, dormir no senhor.

Em vez de ele mentiu: ele faltou com a verdade.

Em vez de roubou: desviou verba.

Em vez de leproso, morfético, lazarento: acometido pelo mal de Hansen ou Hanseniano. Hansen médico Norueguês (1841-1912)

Os incomodados com a “redentora” de 64 a 85 or-

ganizados em diferentes grupos partiram para sequestro de embaixadores dos Estados Unidos, da Alemanha, da Suíça e do Consul do Japão. Trocaram os sequestrados, não mataram nenhum, pela libertação de presos políticos em vôos para Cuba, Mexico, Chile e Argélia.

Depois passaram a assaltar bancos. Não usavam o verbo assaltar. Eufemisticamente empregavam o verbo EXPROPRIAR.

Empregada doméstica virou secretária do lar.

Espada de Breno Breno, semilendário chefe das Gálias, teria vivido no quarto século antes de cristo. À frente de poderosas legiões, invadiu a Itália e derrotou o exército romano, incendiando e devastando cidades, até chegar a Roma, onde pôs cerco ao Capitólio, dizendo que só o levantaria se recebesse, como resgate, mil libras de ouro. Os romanos não tiveram outra saída que não fosse a de pagar, mas um tribuno acusou os gauleses de estarem usando pesos falsos para obriga-los a aumentar o tributo. Breno teria então atirado sua espada na lan-ça, para fazê-los pagar também o peso desta, exclamando: “Vae victis!”-que se traduz por Ai dos vencidos!.

Tempo bom aquele em que os alunos se levantavam quando o professor entrava na sala de aula.

DANILO ZUCATO ROBERT

Na visão de mundo dos povos Guarani, indígenas espalhados por (pelo menos) Brasil, Argentina, Bolívia e Paraguai, palavra e alma são essencialmente a mesma coisa. Eles têm uma única palavra para essas duas coisas: Ñe’ẽ (lê-se ‘nhê-ê).

A cosmovisão Guaraní ensina que não se pode separar a palavra da alma. A linguagem não é uma coisa que a gente usa, mas algo que a gente é. A fala é a manifestação visível e audível da nossa essência: é a própria alma.

Na filosofia Guaraní a alma não é uma coisa abstrata, mas a essência da pessoa que se manifesta através da linguagem, ou seja, aquilo que se expressa pela fala é a própria alma do ser. Ñe’ẽ é entendido como fragmento da alma dos deuses. Dessa forma, cantar, na cultura deles, é uma manifestação direta da nossa alma, e indireta da essência di-

vina. Por isso o canto é tão essencial durante os rituais. Para estes povos, as palavras são importantes não porque são o que descreve o mundo, mas porque são como reflexo do interior no exterior.

Wittgenstein, em sua obra revolucionária, ‘Tractatus Logico-Philosophicus’, queria entender os limites exatos da linguagem para resolver os problemas da Filosofia. Sua ideia central ficou conhecida como a “Teoria Figurativa”: a linguagem funciona como um espelho ou uma fotografia da realidade. Cada palavra é uma pequena imagem do mundo. Mas há um ponto crucial: O limite do que podemos dizer é também o limite do que podemos pensar. Podemos encontrar belezas e virtudes no mundo, porém não a Beleza ou a Virtude em si.

Mas Wittgenstein não queria dizer que, por isso, pensar em Virtude e Beleza seria irrelevante. O que ele afirmava é que essas

coisas não são “fatos” no mundo e, portanto, a linguagem descritiva não consegue capturá-las. E é aqui onde dois caminhos distantes parecem se tocar: para os Guarani, a palavra nos conecta com o lado espiritual. Por outro lado, para Wittgenstein, a palavra nos ancora no mundo objetivo. Em ambos os casos, a existência só ganha forma quando passa pela linguagem.

A filosofia rigorosa de Wittgenstein, ao traçar uma fronteira clara para a linguagem, nos ajuda a compreender o conceito de Ñe’ẽ não como uma forma “primitiva” ou “ilógica” de falar, mas como uma verdade de outra natureza: uma verdade espiritual que se mostra na própria existência do ser e do mundo. Não se pode falar de alma, pois ela não se apresenta no mundo, mas se pode falar de linguagem e das consequências da linguagem (e, por sua vez, da alma) no mundo.

Wittgenstein suge-

re que, sem clareza nas palavras, perdemos também o contato com a realidade. Para os Guarani, como vimos, não há como pensar linguagem separada da alma. Creio que este seja o ensinamento-chave: ao mesmo tempo em que a linguagem reflete as estruturas da realidade exterior, ela também reflete as estruturas ou condições interiores ou da alma. Ora, dessa forma podemos entender o interior através do exterior, ou do que se apresenta; e o oposto também vale: do interior entendemos o exterior.

Talvez seja esse o desafio, afinal: compreender a palavra não apenas como comunicação, mas como revelação da alma (crenças e estado de espírito do indivíduo). Nesse sentido, não seria exagero perguntar: as tentativas modernas de mapear a mente através da linguagem, como a técnica de psicologia denominada PNL, não seriam como que um ‘raio-X’ do Ñe’ẽ?

ENTRE O SABOR E O SABER

ARIOVALDO GUIRELI

A leitura revela estágios que precisam ser preservados e elaborados por quem de direito a faz. Depois da fala sustentada na infância, como que carregadinho de jabuticabas, a criança pronta estará para aprender o significado dos códigos, significando em cada verso o emblemático mundo de juntar palavras e formar outras possibilidades. Se assim for conduzida, na forma de construção, ou mesmo na forma de condução ela ficará envaidecida por saber ler. E a leitura lhe dará prazer. No mesmo prazer em apanhar jabuticabas.

O que é real na sabedoria de quem faz da leitura um prazer é a possibilidade de enxergar o invisível. Rousseau revela “Eu senti prazer antes de pensar”. Sentir antes de pensar traz a beleza para o que se anuncia na cena. Olhar a jabuticabeira carregadinha não é um extasio antes de degustá-la?

A leitura nos salienta do que serve ou não, isto é, ou gostamos ou não. E ler sem gostar é prova de idiotice tal qual:- “Tou lendo um livro muito ruim, mas vou até o fim...” assim como aque-

la mãe que impõem ao filho um prato de comida do qual ele não quer, que tem ojeriza. Fatalmente ele a vomitará. É assim a leitura. Precisa ser saboreada ao gosto, ao ponto. É necessário estarmos atentos ao “cardápio literário” para produzir a fome da leitura e que se tenha gosto e recheio prazeroso...

Fico perguntando aos meus fantasmas e muitas vezes ficamos indignados quando ainda são “impostos” livros para serem “cobrados” nos vestibulares. Ou ainda mais grave quando estes livros são absurdamente ultrapassados, sem sabor, sem gosto, sem entrelaçamento... seria o mesmo que olhar um pé de jabuticabas no inverno. Os puristas da língua estão me apedrejando... A resposta será ajudada pelo Sr. Schoenhauer: “Durante a leitura, nossa cabeça é apenas campo de batalha de pensamento alheios. Quando estes, finalmente, se retiram, o que resta? Daí se segue que aquele que lê muito e quase o dia inteiro... perde, paulatinamente, a capacidade de pensar por conta própria...”

O livro tem que ser livre. Saboreado e não imposto!



MECÂNICA NETOS
nacionais e importados
nacionais e importados

Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico

Fone:
(35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136
- Centro (Prainha)

Monte Sião - MG
CEP 37580-000



DELTA FOTO
PAPELARIA
Mania de vender mais barato!!!

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Sião - O.Fino -(35)3465 1355 – 9 9114 9447

UMA PEQUENA CIDADE CHAMADA “VAINUMVAI”

L. A. GENGHINI

No extremo do continente, onde os mares Mediterrâneo e o Adriático se encontram, lá pelas bandas da Sicília, o Império do Tigre, da Calábria, de Malta e, mais além, a Grécia, existiu uma pequena cidade imaginária que, beirando os 200 anos de existência, continuava pequena, atarracada, pobre e invisível, porque as poucas famílias que lá habitavam viviam se desentendendo. Porém, havia uma família, os “Cognati Primus” de origem ainda do Império Romano que, salvo em raras exceções, se revezava no poder ao longo da eternidade.

Além da inércia imposta pelo “modus governanti”, o local era, com certa frequência, atacado por oportunistas, piratas, corsários e, mais recentemente, pela onda de crimes cibernéticos que assola o

universo, dando guarida a todo tipo de rapinagem.

Enquanto a vida seguia, ao povo daquele povoado, parecido com cenário de filme do Fellini, carinhosamente chamado de “IBONONIBO”, numa tradução livre para o português, algo como “VAINUMVAI”, isto é, nem pra frente, nem pra trás, ia levando as suas vidas pacatas, sem segredos e sem mistérios, a não ser quando alguém abusava das doses de Arak, Ouzu ou Grappa e resolvia falar alto e demais, expondo verdades indiscretas e indesejáveis.

Todo mundo já sabia que em “VAINUMVAI” se fazia pouco e se falava muito, enquanto tudo parecia a maravilha dos espetáculos do Coliseu Romano. Entretanto, a realidade era bem outra, porque quando havia recursos, se os havia, eram distri-

buidos em benefício do “influentia corpus”, enquanto os demais, mesmo que tivessem apoiado o “Sindaco” da vez, teriam que se virar para não afundar na miséria.

E assim, sob as luzes daquele propalado “imperium modus”, aquele pacato lugar, nas encostas montanhosas, em terreno árido, sob as bênçãos de uma “Madonna” já meio descorada, continuava sua existência irrelevante, invisível e indiferente. Tão indiferente que ninguém sabia de sua existência.

Esta foi a estória que ouvi quando visitava os escombros de Pompeia e me hospedava em Nápolis.

E você, caro leitor, um dos três que herdeio Ivan, tem conhecimento da existência de “VAINUMVAI”?

Até qualquer hora, pessoal!

O VALOR DAS PARCERIAS

LEONARDO LABEGAINI

A cafeteria estava mais cheia do que o normal naquela tarde. Téó chegou apressado, com o celular na mão e a testa franzida. Assim que se sentou, suspirou fundo.

— Líder... acho que eu estou tentando abraçar o mundo — confessou. — Quero tocar a produção, o financeiro, o comercial, cuidar dos clientes, das redes sociais... e no fim, parece que nada anda direito.

O Líder Inspirador sorriu, como quem já conhecia aquela história.

— Sabe, Téó, esse é um dos erros mais comuns entre empreendedores e líderes: achar que precisam fazer tudo. Mas ninguém cresce sozinho. O sucesso duradouro é construído com parcerias inteligentes.

Téó apoiou o queixo na mão, curioso.

— Parcerias inteligentes?

— Sim. — O Líder continuou. — Não é sobre depender dos outros. É sobre somar forças com quem te complementa. Você pode ser ótimo em planejar, mas talvez precise de alguém com o pé no chão da execução. Ou então, você é criativo, mas precisa de alguém com foco em números. Quando você encontra esse equilíbrio, o resultado se multiplica.

Téó pensou um pouco. — Mas às vezes é difícil confiar, né?

— É — respondeu o Líder, olhando firme. — E por isso parceria de verdade precisa nascer da mentalidade ganha-ganha. Se só um lado lucra, não é parceria — é exploração. Quando os dois crescem juntos, aí sim nasce uma relação sólida.

Téó balançou a cabeça, concordando.

— Acho que às vezes eu caio na armadilha de querer levar vantagem, sabe? Tipo: “ah, vou fazer esse acordo porque é melhor pra mim”.

— E no curto prazo pode até parecer bom — disse o Líder. — Mas no longo prazo, destrói a confiança. A parceria verdadeira se baseia em crescimento mútuo. Quando você ajuda o outro a evoluir, você está, na verdade, investindo em você mesmo.

O garçom chegou com dois cafés fumegantes. O Líder aproveitou o silêncio e acrescentou:

— Lembro de uma vez em que um dono de malharia se juntou a outro empresário da cidade. No começo, pareciam concorrentes. Mas decidiram se unir para importar matéria-prima em conjunto e reduzir custos. Um ano depois, os dois estavam vendendo mais, com produtos melhores e menos desperdício. Eles entenderam que parceria não é

sobre dividir o bolo — é sobre fazê-lo crescer.

Téó sorriu. — Gostei disso. Acho que eu estava tentando fazer o bolo inteiro sozinho.

— Pois é — respondeu o Líder. — Enquanto você tenta fazer tudo, perde tempo, energia e foco. Um bom parceiro é aquele que multiplica seu alcance, melhora seu resultado e te ensina a olhar de outro jeito.

Téó pegou o café, pensativo.

— Então, o segredo é escolher bem, né?

— Escolher e cultivar — completou o Líder. — Porque parceria não é transação, é construção. Ela exige diálogo, confiança e tempo. Quando você investe nisso, os frutos aparecem naturalmente.

A conversa foi ficando mais leve. Téó já parecia mais tranquilo.

Antes de sair, o Líder Inspirador concluiu:

— Nunca esqueça, Téó: sozinho você pode até ir mais rápido. Mas junto, você vai mais longe.

Téó sorriu, respirou fundo e respondeu:

— Acho que está na hora de eu parar de tentar ser o herói e começar a ser um bom parceiro.

O Líder sorriu de volta.

— Aí está a diferença entre quem tenta crescer e quem realmente prospera.

PECADOS

PAULO FRANCO

Era um dia comum, como fora ontem e anteontem. Talvez uma tarde um pouco mais quente lá fora. Pela janela, Luizinho observava a rua com o interesse de quem descobre o mundo. Os sinos de uma igreja nas proximidades chamavam para a missa da tarde. Uma beata passa lentamente, toda de preto, levando numa mão uma bíblia, um terço e um véu, enquanto na outra trazia, para atenuar o calor, um guarda-chuva, também preto. Sua sombra se projetava muito alongada no asfalto, fugidia, como se quisesse se desprender da sua dona. De repente duas moças de saias muito curtas e maquiagem em excesso cruzam com a carola, que reage:

- Voltem para sua casa de luxúria! Ela gritava enquanto brandia o guarda-chuva para as moçoilas, como se ela fosse o último bastião da moral naquela rua. As duas se afastaram sorrindo. Ria também a criança na janela, sem entender nada do que estava acontecendo. Num átimo, sua atenção já tinha novo obje-

tivo. Como se tivessem saído do boterismo, uma mãe corpulenta, quase arrastava a filha pela mão. A menina, também de formas avantajadas e arredondadas se vestia como uma miniatura da mãe. Rapidamente as duas passam, como se flutuassem, a despeito do seu corpo e somem da sua vista, como se tivesse sido uma miragem. O menino encontra outro foco. Também segurando a mão da mãe, Miguel, seu vizinho da frente voltava pra casa. Na outra mão, segurava firme um saco transparente cheio de água e conforme foram se aproximando, ele pode ver dentro do saquinho um lindo peixinho dourado. Paralisado, não conseguia desviar os olhos. A inveja o feriu como uma flecha. Os vizinhos entraram na casa, a porta se fechou e ele continuou ali olhando para a casa, hipnotizado. A voz da mãe chamando para almoçar, o cheiro de bife com batata frita e a gula atizada, o fizeram esquecer momentaneamente o amiguinho da casa em frente. Entre uma garfada e outra, perguntou:

- O que é luxúria?

- É coisa de adulto respondeu a mãe.

O menino voltou a comer com grande apetite e terminado o almoço o guloso se deitou no sofá e invadido por uma preguiça incontrollável adormeceu. Acordou irado. Tinha raiva porque dormira, fúria porque esquecera do vizinho e do peixe.

Pediu autorização para a mãe e foi na casa da vizinha com o único propósito de ver de perto o peixinho dourado. Mas ele não contava com a avareza do amiguinho. Como a maior riqueza de que era possuidor, o moleque mostrou rapidamente o peixinho, que já estava dentro de um aquário redondo, levando-o embora, sem deixar que o outro pudesse se aproximar. A ira aumentara enquanto o garoto retornava pra casa, ao mesmo tempo abatido e frustrado. O vizinho ardiloso, por sua vez, parecia querer provocá-lo. Pegou o aquário e o colocou na janela, bem à vista da casa do outro lado da rua e conseguiu seu intento. Ele ia pra janela mas não

conseguia ver direito, pela distância. Então ia para o portão e olhava um pouco mais de perto, então voltava. Ao lado do aquário, como um cão de guarda a outra criança não abandonava o posto. Ficaram nessa beligerância por muito tempo, até que o menino percebeu que o aquário ficara sozinho. Atravessou a rua, chegou em baixo da janela, escalou e se viu frente a frente com o peixinho dourado. Não vendo Miguel, enfiou a mão no aquário e pegou o peixe. Desceu da janela e o peixinho escorregou da sua mão.

Ao olhar o peixe se debatendo, o menino experimentava ali um sentimento desconhecido, uma satisfação desenfreada de poder sobre o ser que se agitava em desespero aos seus pés, sobre o amigo dono do peixinho dourado, essa altivez exacerbada, resvalava na soberba. Os movimentos do peixinho foram diminuindo e ele voltou pra casa, sentou-se no sofá lívido. Diante das sensações experimentadas naquele dia, o menino manteve a fleuma.

“Passaram-se anos”.

FOGÃO A LENHA

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

“Acender um fogão a lenha é mais do que cozinhar. É um ritual de reconexão com a nossa essência. A cozinha se transforma em espaço sagrado, onde saberes antigos se entrelaçam com o desejo de uma vida mais simples e verdadeira”.

Durante muitos anos, a comida em casa foi feita num fogão a lenha. Construído com tijolos grandes e revestido com ‘vermelhão’, uma mistura de cimento queimado misturado com pó xadrez. A boca era grande e larga, por onde eram enfiados os pedaços de madeira. Na medida em que o fogo ia consumindo a lenha, bastava empurrar o restante dos troncos. Lá fora no quintal havia uma providencial pilha de lenha cortada. As panelas eram grandes e colocadas numa chapa de ferro. Todas pretas e marcadas pelas chamas. Sempre tinha um bule de café quente a qualquer hora do dia.

Não tinha garrafa térmica nem fogão a gás. Demorou para ter um em casa, até que veio a modernidade. A comida nunca mais foi a mesma. Nem as conversas. Nem o tempo passando lentamente. Minha mãe fazia bolos deliciosos, não eses de caixinha de supermercado. Doces de pera, de mamão verde em cubinhos, de abóbora. O feijão fervia na panela, os assados espalhavam o cheiro pela casa e tinham outro sabor. Cozinhava-se com banha. A família se reunia em volta da mesa. Alguém sempre fazia uma oração para agradecer o pão nosso de cada dia.

Você deve estar pensando que o que escrevo tem um estranho gosto de saudade. E tem mesmo. Uma pena que muita, muita gente nunca passou por esta experiência de vida, principalmente nos frios dias de inverno... Sim, saudade daquele cantinho de amor que aqueceu tanto a minha infância e iluminou a juventude da minha alma!

SUPERMERCADO SHIMODA

Onde seu dinheiro compra mais

Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes

Oliveira

A melhor carne da região!

Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000

(35) 3465 1817 / 3465 2109

MAZA

PNEUS

ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS

RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO)

3465-5463

LÁ PELAS BANDAS DA BABILÔNIA, EM MINAS

VALDO RESENDE

Um livro materializado é sempre um objeto especial, portador de novidades, de segredos, de magia, de sonho, de pesadelos... Em meio aos milhares de volumes de imensa biblioteca há objetos – também dito livros – comuns, sem graça, pobrinhos visualmente. Por gosto, por incapacidade de quem produziu, por ignorar ou não dar importância ao fato de que tal livro – o objeto – é uma preciosidade tornada sensível aos olhos de quem lê. Alguns leitores dão valor ao tato – ali, acariciando o papel – e gostam do cheiro da tinta impressa.

Outro dia o correio entregou aqui em casa o livro de um mineiro. E eu, que passei mais da metade da minha vida às voltas com artes visuais, me demorei na capa, dei aquela folheada para ter ideia do todo, fui até a quarta capa e voltei, vagorosamente olhando cada imagem das dezenas que permeiam os textos. Um livro de contos. Matheus Zucato, o autor, nos trazendo casos e causos em “Profetas e Reis na Babilônia de Néon”. O cara lá longe, antes do A.C., sem deixar a Monte Sião de agora.

De prima, as encantadoras imagens do livro – comecei e volto à elas – me remeteram a Giorgio De Chirico com sua metafísica, seus enigmas, seus silêncios. A belíssima imagem da segunda e terceira capas, reaparecendo várias vezes no miolo, é puro Escher, ao nos iludir com sobre-

posições, perspectivas, tornando possibilidade o impossível, brincando com nossas mentes. Entre De Chirico e Escher há um mundo visual, parte dele visitado nas diversas colagens de Jefferson Barbosa, o artista das ilustrações originadas em imagens de domínio público. Ótima escolha do autor. Bora a ler tudo isso, pensei cá com meus botões.

Leitura a gente faz começando pela capa, passa pelas duas orelhas e chega na quarta capa. Na segunda orelha reconheço pela foto um mineirinho que conheci em Monte Sião. Devia ter desconfiado que toda aquela atenção em ouvir a mim e aos demais presentes era coisa de quem gosta de ir longe (eu não sabia nada dessa Babilônia de Néon). Mineiros carregam a contradição do amor à montanha tão forte quanto o desejo de saber o que há lá, do outro lado dela. Viajam de trem, de barco, de bonde, de balão, e sabe-se que desejosos de atravessar oceanos aprimoraram o avião. E como as viagens físicas são limitantes, alguns mineiros viajam no tempo, na história, na imaginação. Uns criam romances, outros poesia, Matheus Zucato criou contos. Esteve lá, e trouxe consigo uma Babilônia, para nos mostrar que o espírito humano, tão velho quanto o mundo, tende a ser sempre o mesmo.

Os contos de Matheus Zucato vão além do aparente. Sobre o que, e quem exatamente ele está escrevendo? “O ser

humano, um misto dosado de diversas expressões inquietas” sou eu, é você, leitor? Certamente, não é só esse Tahor. E de repente estou no deserto, recordando o piloto Exupéry e concordando que “tudo o que não podemos contar é infinito, ainda que sua infinitude seja só aparente”. “Por isso é tão fácil perder-se nos mares de areia da vida. Por isso é tão fácil perder-se na solidão.” Eu me perco no metrô, no povaréu infinito da Rua 25 de Março.

Na página 55, década do século passado em que nasci, antecipo um pouco o que o autor já me faz sentir: “Derramaria lágrimas se meus olhos não fossem um deserto”. Não sei se comi bola, mas foi na leitura desse conto que não pude negar o presente Néon: “Vivíamos no paraíso verde”, “Só na desolação do homem ele contempla o divino”. O que é profecia, profeta? E fiquei pensando no semiárido daqui, do leste para o oeste, cada vez mais seco, inegavelmente árido. Nas tempestades que assolam o sul, nas fumaças dos incêndios do norte. “Vivíamos no paraíso verde”.

O Néon até então sugerido explode n’O Encantador de Serpentes. Um néon digital, on-line, veículo de curtidas e likes cotidianos. “Em verdade, o artista já não sabia mais o que fazer quando o povo novamente abandonava os seus espetáculos, entediados. Ele queria mais dinheiro”. Viajei para outras feiras, em Copacabana, de Gagas e Madonnas,

priorizando em seus espaços frontais a elite de “influencers”. Somos nós as serpentes que se deixam encantar, prontos a destilar ódios e morte, motivos de aplausos videntes. Cancelamos nossos encantadores.

“Um homem constrói um castelo com pedras de vento que sopradas irão flutuar e atingir os corações dos desavisados”. Às vezes sou distraído pelas notas de rodapé. Cumprem seu destino acrescentando informações. Mineiro, desconfiado, fico matutando até que ponto esse Zucato foi. Pode ser tudo criação! Causos! As fontes do escritor são diversas e penso no monte de autores com os quais ele convive lá, em Minas. Esses autores que falam, escrevem e o jovem autor que ouve, lê, viaja e vive, escrevendo coisas que perturbam, encantam. “Você me indicou observar os animais, e como em sua abstração experimentam na vida somente o momento presente”, que sedimento na curta existência da borboleta, que não sabe vir de larva nojenta, de casulo sem graça, para nos causar inveja por tanta leveza, suavidade.

Obrigado pela leitura, Zucato! Através de seu livro estou andando pela Babilônia, aqui, entre o Néon e a Serra do Mar. Tentando compreender, aprender, assimilar. Voltarei algumas vezes nas páginas cheias de possibilidades de reflexão. A gente toma conta do todo, alguns tópicos explodem e marcam e, por isso mesmo, é necessário

voltar. Há mais, muito mais para ser lido nas entrelinhas, nas entranhas do tempo e do agora, pois é fato: “A segunda vez de tudo é mais inédita que a primeira vez de tudo”.

Caríssimos, recomendo o todo, por isso não

registro a localização de cada citação, que por sinal, é viagem na qual embarquei:

– *Profetas e Reis na Babilônia de Néon.*
– *Matheus Zucato*
– *Editora Mondru*

A URNA

J CARLOS GROSSI

Faço vasos. Únicos. De concreto, bambu, madeira ou pedrinhas. São minhas horas poéticas. Tenho recebido pequenos pedidos porque penso que poucas pessoas têm necessidade de poesias, ultimamente. Talvez que a vida se tornou fria, lógica e sem graça. No entanto, um dia chegou-me um jovem entristecido perguntando-me se lhe faria uma urna funerária. Era para sua meiga avó, pessoa que Deus moldou com próprias mãos. Quem lhe ensinou maravilhosas receitas de ternura com pitadas de felicidade.

Aceitei com condição de demora pois seria meu melhor e introspectivo trabalho. Mas afirmo que apenas aceitei por estar sempre me propondo a vislumbrar um passe de mágica.

Então explodiu em minha imaginação um formato que era exatamente a alma das palavras do rapaz. Desenhei, corriji, redesenhei e fi-

nalmente apaguei. Pois havia concebido a idealização do prometido.

Mandei-lhe recado que devia me trazer as cinzas para concluir a magia do pensamento. E logo apareceu-me à porta, aparentemente tranquilo.

Peguei sua pequena caixa e desapareci por um corredor escuro. Haveria de deixá-lo supor que estava buscando a encomenda.

Quando voltei pedi que abrisse as mãos em concha e despejei nelas, cuidadosamente, toda cinza-azulada.

Antes de seu espanto, disse-lhe em voz amorosa e tranquila: eis a invisível arte! Pois é a versão mais pura da urna necessária e delicada que me pediu para acariciar a leveza de sua adorável avó: suas próprias mãos. Agora debes levar seu amor à montanha mais alta e espalhá-lo ao vento.

Sorriu-me. E antes que perguntasse, respondi: meu ofício poético é gratuito.

MEU JEITO

A flor
ainda me dá
seu pólen

A noite
ainda me dá
guarida

Meu tempo
devagar
só some

Estou
ao norte do sul
da vida

De teimoso
tardo
mas chego

De dia
sou beija-flor
à noite
sou morcego

Popo de Sião

DURVAL TAVARES

Das escrituras do Zio Bataglia, resumo do que lhe escreveu o Parmiro:

“Se no percurso da viagem Monte Sião-Ouro Fino tivemos dois inconvenientes, eu, Parmiro, ao volante do Nash e ela, Ema, num estressante aquecimento de voz, o da volta não contou com a voz plena da nossa Siriemma, mas teve outro tipo de percalço. O dia amanheceu muito bem porque a “Alvorada lá na estrada era beleza, ninguém chorava, não havia tristeza, o que sentia era calor, o que se via era o sol colorindo tão lindo, tão lindo, e a natureza sorrindo, tingindo, tingindo. Alvorada” (plágio tirado da/do Cartola). Naquela estrada de chão batido, além do latido ao longe de um cão, eram ouvidos o ruído dos pneus do Nash no terrão e o som de pássaros e do vento no matão. Em certo ponto, o carro, sem gás, sem força, me mostrava sinais de que iria parar. Atento como sempre, o levei direto para um acostamento que mais se confundia com a estrada, um terrão

só de poeira vermelha. Consegui com que ficasse sobre uma relva ao lado uma cerejeira com sombra de sobra para uma vida inteira. Foi a medida correta porque carro parado na via poderia dar causa a algum acidente, embora sem o zumzumzum da passagem d’um caminhão, d’um ônibus da Viação Santa Cruz, d’um carro qualquer, d’uma carroça. Estávamos no meio do caminho e seguir adiante rumo a Monte Sião ou de fasto a Ouro Fino, a pé dois, era algo impensável. Na tentativa vã de consertar a máquina, abri seu capô e fiquei a ver navios. Sem movimento, sem som, eu, modéstia a parte, um músico bom de ouvido, não via sentido em nada daquilo. Estávamos ali parados, eu perdido, sem saber o que fazer e a Ema começando a ficar rouca (quase louca) de tanto engolir pó, ao sabor do vento que soprava em nossa direção (comentário a parte: por sorte, naquela época, o risco de ficar ali parado e ser assaltado era nulo; por azar, não havia celular, companhia de se-

guros a quem chamar, tampouco guincho para o pronto atendimento; em casos de quebra de veículos a solução era improvisar, esperar ajuda de terceiros, pegar carona para a cidade, rebocar o carro até alguma parada e tudo com muita paciência; resumo da ópera: improviso, solidariedade e paciência, o que nem sempre havia ou há).

Bem que a Ema sempre me dizia para carregar algumas ferramentas para casos de defeito no auto(imóvel). Eu dava de ombros e só levava, além de um estepe e de uma chave de rodas, meus instrumentos de sopro, cordas de viola e violão, palhetas, partituras e nada mais. Por nós passou um Chevrolet Bel Air, ano 1956, mas o motorista limitou-se a fazer um aceno, o que, àquela altura, desacompanhado de ajuda, era “visto come gesto osceno”. Eu ali desolado, ao lado da cerejeira, que ao menos tem eira, calmo como bom italiano, sem eira, nem beira, nem tribeira, apenas gritei “Vatene all’inferno, miserebile!”, acompanhado de gestos e impropérios im-

próprios para um nobre maestro. Meu sangue não é de barata! Um outro carro parou para ajudar, mas do Nash não conseguia sequer falar o nome. Foi um “some-some” de fininho. O certo é que, depois de comer pó sem dó, de esperar por ajuda que resolvesse o problema, parou ao lado um caminhãozinho com placa de Mococa e dele desceu um senhor todo sujo de graxa, cheio de graças, que de pronto se identificou como Joaquim Verício. Olhou o carro do capô ao porta-malas. Olhou fora, olhou dentro, girou a chave de partida e o carro não ligou, pisou, testou e muito estranhou. O Nash era um treco naqueles cantos, assim como em Manguá Voltou a examinar sob do capô e exclamou: Bomba, bomba! Não gostei porque pensei que se referisse ao carro, mas, em seguida, com um cabo de aço nas mãos, disse que rebocar o carro era a solução. Seguimos nosso salvador da pátria, o ‘Sassá Mute-ma’ da ocasião.”

No próximo episódio continuamos.

Ciao.



MECÂNICA NETOS
nacionais e importados
nacionais e importados

Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico

Fone:
(35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136
- Centro (Prainha)

Monte Sião - MG
CEP 37580-000



DELTA FOTO
PAPELARIA
Mania de vender mais barato!!!

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE
DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Sião - O.Fino -(35)3465 1355 – 9 9114 9447

ENTRE LOBOS E SELVAGENS DIGITAIS

JAIME GOTTARDELLO

“Deslize para aceitar os termos do novo contrato social.”
— Notificação do Leviatã 2.0

Hobbes diria que voltamos ao estado de natureza — só que agora com wi-fi. A selva deixou de ser feita de árvores e tornou-se uma floresta de telas onde cada um ruge com emojis e silencia em tristeza com “bloqueios” e “cancelamentos” que sofre. O medo continua lá, quase o mesmo. Não o da morte física, mas o medo de

ser irrelevante perante a opinião de outros. O Leviatã moderno não empunha espada para impor a lei e manter a ordem. O Leviatã moderno digital dita regras e atualiza os termos de uso.

Rousseau, por outro lado, talvez ainda acreditasse que nascemos bons — até que criamos senhas, filtros e hashtags que nos consome tempo e energia pela exposição a conteúdos vazios. O “bom selvagem” virou digital influencer, o criador de conteúdo de alma pura, que vende autenticidade em parcelas a perder de vista. A corrupção não vem mais

apenas dos governos, mas dos algoritmos que nos moldam, gentilmente, com base em tudo o que clicamos.

E nós? Seguimos tentando firmar um novo contrato social, mas ninguém lê as cláusulas. Entregamos nossa liberdade em troca de “likes”, nossa privacidade em troca de admiração e nossa consciência em troca de um pouco de gratificação instantânea, a dopamina digital. Hobbes avisou que sem ordem viria o caos. Rousseau sonhou com a harmonia — e aqui estamos, dançando no meio, achando que estamos es-

colhendo o ritmo, que somos donos do próprio destino.

Talvez o contrato social contemporâneo seja apenas isso: um acordo não expresso em palavras que flutua entre o medo e o desejo, assinado eletronicamente, com cláusulas em letra miúda que ninguém ousa questionar.

“O homem nasceu livre, e por toda parte encontra-se acorrentado — agora, pelas próprias mãos que deslizam sobre a tela.”
— eco distante de Rousseau, remixado pelo século XXI

BAR

no guardanapo
de lágrimas
escrevi versos
borrados

eram belos
aqueles versos
perfeitamente
inacabados

kuaia

MATHEUS ZUCATO

No mês passado, num sábado, combinei de encontrar com meu diretor às onze e meia da manhã no prédio onde trabalhamos. Cheguei com meia hora de antecedência, cumprimentei o porteiro (este com ar indiferente), que mal me respondeu, e percebi no saguão ter havido algum tipo de obra ou reforma. Nem tive tempo de perguntar a ele sobre alguma novidade no prédio; de súbito vi os esplêndidos novos elevadores instalados no corredor onde, até então, só havia um. Ele me disse, sem me olhar, que haviam demorado muito para instalar e adaptar os espécimes especiais, de uma diferenciada tecnologia. Perguntei se o Senhor K. já tinha chegado, e ele disse não saber, pois acabara de assumir o posto e se preparava para doze horas diretas de trabalho.

Fora uma noite interminável para mim, sentado na treva, sob pesados grilhões da ansiedade. Por volta das três da manhã, comi um pão duro deixado sobre a mesa, para tentar distrair-me, mas de nada adiantou, meu coração apertava demais o peito. Rolei na cama o restante das horas escuras e, quando vi a aurora rompendo o horizonte, decidi levantar. Mal sabia o que esperar de um chamado para uma conversa no sábado as onze da manhã com o diretor do meu departamento. Promoção? Demissão? Teste, ou capricho de chefe?

A primeira hora senta-do naquele belo banco de metal acolchoado pareceu nunca passar. Resolvi perguntar ao porteiro se o Senhor K. havia deixado algum recado; já estávamos atrasados em meia hora. Ele remexeu seus bilhetes e, como quem encontra uma moeda de baixo va-

lor perdida há algum tempo, revelou-me haver ali um recado. O diretor iria se atrasar, e pedia que “o rapaz” aguardasse. A essa altura, o sol já ganhara o meio do céu.

Quando o Senhor K. chegou, o costureiro ar de atrasado, afobado com a própria respiração, que a ele parecia sempre muito lenta, passou por mim e perguntou ao porteiro onde estava o seu “compromisso”. O porteiro, desta vez muito solícito, apontou em minha direção. Já em pé desde a chegada do diretor, o cumprimentei e não iniciei assunto algum, sabendo de seu tempo escasso (e por minha ansiedade em saber o motivo de tal convocação). Pediu que falássemos em sua sala.

Nisso entrou grande quantidade de funcionários no prédio, em suas camisas e ternos. No meio deles, o Senhor F., diretor do departamento vizinho.

Vinha rodeado por solícitos subalternos. Quando se viram, os dois dirigentes logo se puseram juntos em sorrisos e conversas fáceis. Ambos pediram aos seus convocados que os encontrassem depois, em suas salas, visto que o elevador que pegariam era estagnado apenas aos de cargos de direção e afins. Nós, o restante, poderíamos aproveitar dos novos e elegantes elevadores modernos recém-instalados.

Aí foi uma correria só para entrar nos aparatos: mesmo havendo três disponíveis, eles não suportavam o nosso número. Consegui me espremer em um deles e apertei o décimo andar, onde ficava a sala do Senhor K. Os demais iriam ao nono, na sala do outro diretor, enquanto outras duas pessoas, olhando-nos com ar estranhado, pressionaram o quarto e o terceiro pavimentos.

Entendemos o porquê: os dois desceram em seus respectivos andares, e aí a engenhoca parou no quinto andar e não subiu mais. Achamos que tivesse enguiçado. Descemos onde estagnara, entramos no próximo elevador, e neste percebemos que pelos usos dos botões parecia aceitar somente a função de descer. Na falta dos outros dois elevadores, descemos até o térreo para pedir uma ajuda ao porteiro quanto à “moderna tecnologia”, mas ele não se encontrava em seu posto, certamente prevenido das amolações dos funcionários confusos após iniciarem o uso dos novos espécimes.

Depois de uma série de confusões, entre um elevador que subia dois andares e descia obrigatoriamente um, outro que só conseguia subir até o último andar e voltar para o primeiro, para então recomençar o defeito em looping,

e outro que, após o andar escolhido, parava nele e voltava sempre para o estacionamento, no subsolo, finalmente consegui chegar ao décimo andar. A secretária do Senhor K., objetiva, direta, pediu que eu aguardasse nas cadeiras a minha vez com o diretor. A regra era que o funcionário atrasado para uma reunião fosse atendido mediante a aquiescência do chefe. E aí esperei por outra hora na série de cadeiras vazias em frente à sala do Senhor K.

Acho que eram duas da tarde, pela fome de meu estômago, quando a secretária me informou, um tanto decisiva, que o diretor havia saído para uma reunião urgente com o Senhor F. Ainda não sei o que queria comigo o meu superior, e muito me atormenta a possibilidade de uma nova convocação, pois, desde o mês passado, não mais fui chamado para reuniões nos sábados de manhã.

MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

MEU ANJO DA GUARDA

UGO LABEGALINI

Um tempo atrás, num programa de TV os assuntos abordados diziam sobre proteção que as

pessoas recebem através de seus Anjos da guarda. Um dos depoimentos foi de uma mãe que presenciou o momento exato em que sua filhinha de cinco

anos, ao atravessar uma avenida movimentada, ia ser atropelada por um veículo. Nesse momento, aparece um pedestre correndo e tira a criança da frente do carro, atravessa a rua deixando-a na calçada do lado oposto e, sem dizer uma palavra, desapareceu no meio da multidão. A mãe não teve dúvida em afirmar que aquele cidadão seria um anjo da guarda, encarnado numa pessoa comum igual a nós. Outros depoimentos das mais variadas espécies foram citados, porém, todos baseados em anjos. Aquele momento me fez lembrar de uma viagem de quando eu voltava de São Luís para São Paulo. Parei o caminhão na divisa de estado entre Minas e Bahia. Lá, comi alguma coisa para tapear a fome e saí do recinto para fumar um ci-

garro e descansar um pouquinho. Em frente ao meu Fe-Ne-Me, uma velhinha aparentando 80 anos, com voz trêmula e meiga me pede carona. Para onde vai a senhora? Perguntei-lhe. Vou até perto de Itaubim, depois de Medina. Abri a porta do caminhão, juntei a idosa nos braços e, bumba para dentro da boleia. Caminhão na estrada, algumas perguntas e respostas. Chegamos a Medina. Na saída da cidade, um policial acenou para que eu estacionasse. Junto dele, um cidadão tamanho Maguila, todo cheio de esparadrapo, gaze e manchado de mercurocromo no rosto e braços. O policial me pede:

- Por favor, leve este cidadão até a encruzilhada de Pedra Azul, ele foi acidentado e medicado, recebeu alta para re-

tornar à sua casa. Nesse instante, a velhinha de carona, apavorada, sem voz trêmula, aconselhou com toda autoridade.

- Leva não, meu filho. Não dê carona; isso é um golpe, vamos embora daqui. Meio sem jeito, tentei explicar ao policial que estava dando carona a uma senhora idosa. Ele insistiu, como querendo me dar ordem. Fiquei um tanto indeciso, enquanto a carona afirmava com segurança: vamos embora, isso é um golpe, meu filho. Num repente me encorajei e, abonado por uma força estranha, decidi:

- Me desculpe se guarda, não vou dar carona. Tchau, e me arranquei. Logo mais adiante a vovozinha me contou como vinha acontecendo os golpes.

- Eles são combinados, o policial pede carona e depois o passageiro assalta o caminhoneiro e retorna para junto dele. Aqueles curativos todos são falsos, já fizeram isso diversas vezes, alguns carreteiros já foram assassinados por aqui.

- Não me diga, Vó...!

Percorridos mais alguns quilômetros, num trecho completamente despido de vegetações, sem moradias e sem nada, a carona me pede para encostar o caminhão, que ali era a sua morada. Ali terminava a sua viagem. Parei, desci a vovó, que era um caco, não pesava nem 40 quilos. Me deu uns abraços e me desejou boa viagem. Não caminhou nem vinte passadas e desapareceu em plena luz do dia.

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, Danilo Zucato Robert, Jaime Gottardello, José Carlos Grossi e Matheus Zucato Robert.

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Ariovaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Danilo Zucato Robert, Durval Tavares, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rielli, Ilson João Mariano Silva (in memorian), Ivan Mariano Silva (in memorian), Jaime Gottardello, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta (in memorian), José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Leonardo Labegalini, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Ugo Labegalini (in memorian), Valdo Resende e Zeza Amaral (in memorian), Yoshiharu Endo.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br



CASA
DAS
MASSAS
de Lourdes Labegalini

Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS



dynamise

Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060 (35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

dynamisemanipulacao dynamise Farmácia de Manipulação www.dynamisemanipulacao.com.br

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Novembro de 2025

Dia 01	Dia 14
Doreni Schiavon R. Cunha	Matheus Zucato Robert
Osmar Antonio Grossi	Danilo Zucato Robert
Dia 02	Isadora Barile Zucato
Luciana Aparecida Genghini	Gustavo Guireli
Wellington S. O. Miranda	Marielene Moraes Duarte
Dia 03	Luciana Jusinskas Labegalini
Célia Morelo Valentim	Dia 15
Ilionor Silvério da Silva	Thaís Figueiredo Comune
Aline G. Castro Ribeiro	Cyntia Canela
Silmara Alves Vieira	Lúcia Ioko Izumi
Dia 04	Dia 16
Lara Righete	Maria Rosa Comune
Carla Cristina Barbosa	Faria
Celene Brigagão de Franco	Solange A. Vieira
Dia 05	Dia 17
Rafael Jusinskas Labegalini	Cristiano Giglio Zucato
Juliana Ap.de Barros	Dia 18
Rodrigo Labegalini	Maria Nilza Bernardi
Patrícia Zucato	Milan
Dia 06	Dia 19
Tauanna Carolina Alves	Ednaldo Hermínio Comune
Irineu Bernardi Filho	Iracema Ávila Santos
Selma R. Silva Barbosa	Dia 20
Nathália Laura Grossi	Marli Honório Pennacchi
Dia 07	Everson Labegalini
Ana Luiza Bossi Veloso	Dia 21
Ferdinando Righete	Elenice Pereira Bonassi
Flávia Comune Pennacchi	Dia 22
Maria Gomes da Silva	Thais Valdissera dos Santos
Eliana e Rosana Albino	A. Marcos R. Cunha
Dia 08	Maria Cecília Daldosso Queiróz
Luis Gonzaga da Silva	Dia 23
Adriana C. Freire	Bráulio Luís Cyrne Beltrame
Maria Helena Faraco	Ana Priscila de Moraes
Dia 09	Carlos Eduardo R. Zucato
Ana Maria Bernardi Guireli	Teresa Vitorino Queirós
Stéfanie Lima	José Eduardo da Silva
Marcelo José Ribeiro	Robson Labegalini
Dia 10	Dia 24
Aline Caroli	Emilene Canela
Geni Beghini	Maritana D. Gomes Pepe
Maria Alice Dias	Dia 25
Catarina E. Labegalini	Ivo De Nez
Antonio Canela Grossi	Leonardo Artur M. Silva
Dia 11	Dia 27
Aline Paola Inácio	Alexandre A. Lopes Mussi
Paulo César R. Santos Jr.	Márcio Roberto Canela
Doraci Labegalini Nicioli	Dia 28
Dia 12	Luis Fraccaroli
Tereza Silvério	Valdemir Galli
Dia 13	Maria Cândida G. Silva
Dorneles Canela	Dia 29
Zélia Massa Domingues	Ana da Silva Martins
	Dia 30
	Luiza Pieroni Labigalini
	Odair Megal Dinis
	Renato Franco Bueno
	Ana Maria Caporali Borges
	Karim Dematei

A todos, as felicitações da Redação!

MUSEU HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MONTE SIÃO

Repaginado, e, agora, com a réplica de uma caverna com a maioria dos fenômenos geológicos, reproduzidos com o mais elevado grau de perfeição, o Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião é digno de ser permanentemente visitado pelos monte-sionenses, pelas escolas -em atividades acadêmicas- e pelos visitantes e turistas, que desfrutarão de excelente oportunidade para aprofundar e consolidar seus conhecimentos históricos e geográficos. Visite!

PROSA FÉRTIL — HISTÓRIAS QUE ALIMENTAM

Aconteceu no dia 16 de outubro, na Câmara Municipal, a apresentação do Projeto Prosa Fértil, um documentário em 4 episódios que retrata a realidade de vida de produtores que atendem a merenda escolar de Monte Sião. O documentário está disponível gratuitamente no Youtube. Na solenidade, estiveram presentes vereadores e autoridades de Monte Sião, os autores do projeto, encabeçado por Bruno Labegalini Zucato, Lucas Fuah e Leonardo Silvério e Marcelo Taveira, as famílias dos produtores retratados no documentário e o público monte-sionense. O evento foi belíssimo e realçou a importância do uso e manutenção de políticas públicas na melhoria da sociedade em todos os aspectos.

A CÂMERA DA LUMINOSA, NO CAMINHO DA FÉ

Estão pipocando, nas redes sociais, os efeitos das gravações feitas pela Câmera da Luminosa, instalada na Serra de Mantiqueira, no Caminho da Fé. De iniciativa de um dos facilitadores do trecho do Caminho da Fé, na

altura do Km 106, na Serra da Luminosa, uma câmera de vídeo funciona o dia todo. Há uma placa orientando os peregrinos a deixarem mensagens rápidas, citando o nome, a cidade de origem e um testemunho. Desde que, armazenadas, agrupadas e trabalhadas metodologicamente, a câmera está recolhendo informações preciosas que poderão alavancar diversos estudos a respeito das percepções das pessoas que incluem o Caminho da Fé em suas jornadas espirituais. Atirou no que viu e acertou no que não viu. Parabéns pela iniciativa.

MAIS PUBLICAÇÕES DE AUTORES DE MONTE SIÃO, A CAMINHO.

Em fase de atualização para posterior publicação o Relatório da Pesquisa que Consolida os Autores de Monte Sião”, um livro de poesias e memórias de Yoshiharu Endo, colaborador do MONTE SIÃO e um livro de fotografias e citações de José Ayrton Labegalini. Serão todos bem recebidos! Bem vindos!

MAIS LIVROS PARA A ESCOLA DO GUINÉ

Agora, doados pela psicóloga paulistana, Dr. Fabíola Costa, @fabicosta1904, são cerca de trinta e cinco volumes chegando. Podem ter certeza de que serão muito bem utilizados. A Internet é boa, mas nada se compara a um livro de papel!

COMEMORAÇÃO DA FORMAÇÃO DA TURMA 1963, DO GRUPO ESCOLAR “D. OTÁVIO CHAGAS”.

Comemorando 62 anos de Formação da Turma de D. Ivani, em 1963, há mais de vinte anos nos reunimos regularmente. Embo-

ra alguns já tenham se mudado para o andar de cima, “fora do combinado”, ainda conseguimos momentos de perfeita integração e união. O destino criou a oportunidade, da D. Ivanir consolidou e nós, os alunos, nos tornamos uma irmandade. Na ocasião, comemoramos mais um aniversário de D. Ivanir! Parabéns, mestra! Que Deus continue te abençoando sempre! Amém.

A ESCALADA DO PERIGO DIGITAL

Na atualidade, ninguém mais está seguro e pode, a qualquer momento, se tornar vítima de criminosos digitais, que agem nas sombras, às escondidas, formando verdadeiras quadrilhas que se dedicam, o tempo todo, a explorar a vulnerabilidade dos indivíduos e dos sistemas. São centenas de ligações diárias aos nossos celulares, mascaradas de telemarketing, tentando romper as barreiras de segurança em busca de surrupiar nossas parcas reservas de sobrevivência; são telefones clonados a infernizar os contatos das redes sociais pedindo algum dinheiro, tentando romper testando a nossa ingenuidade. Não há limites, e, frequentemente, miram também em empresas e outras instituições em busca de promoverem desfalques eletrônicos. Há que se tomar muito cuidado e não atender a chamadas inesperadas ou a atender a qualquer solicitação de confirmação de imagem, de números de contas, de senhas, pedido de empréstimo, etc. Enfim, use o telefone só, e exclusivamente, para falar com a família e conhecidos. Se alguém pedir dinheiro, “mande carpir um lote”. Finalmente, esperamos que a Prefeitura de Monte Sião consiga recuperar-se do golpe recebido e resgate o dinheiro desviado, que é para executar obras municipais



CANÇÕES DE MONTE SIÃO

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, letras de canções de músicos monte-sionenses.



Luzes Francesas

DANILO ZUCATO ROBERT

Tudo desmoronou e vejo que demorou muito tempo
Os sábios estavam certos, eles sussurravam a verdade em todas as linhas
E eu estava sentado, apenas aprendendo sobre o sofrimento deles
Enquanto milhões lutavam e brigavam e gritavam e tremiam

Ah, mas eu era tão ingênuo

Eu não preciso de ninguém para me iluminar

Tudo desmoronou e a multidão viu atrás da parede

E mais uma vez a coroa vai provar o ódio e
começar a engatinhar

Os vizinhos estão assistindo, os camaradas
estão preocupados com a onda

Os vampiros no castelo se esconderão nas cavernas

Ah, mas eu era tão ingênuo

Eu não preciso de ninguém para me iluminar

Ah, mas eu era tão ingênuo

Eu não preciso de ninguém para me iluminar



ADRIANO - CHARLES - MAURICE

(35) 3465-1635
3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG



Bioanálise

Bioquímico: Ferdinando Righetto

● **Teste do Pezinho ampliado**

● **Credenciamento com os Laboratórios:**

GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)

HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

PORCELANA MONTE SIÃO

BIBELÔS EM GERAL – CANECAS PARA CHOPP
VASOS – CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.



A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil

AGRADECEMOS SUA VISITA

Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

Nossos avós já compravam na

Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

Rua Presidente Tancredo Neves, 194

Fone: 3465-1144



A melhor internet do
Circuito das Águas Paulistas

Águas de Lindoia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001



Sebo do Ismael

Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,
Aparelhos eletrônicos, Antiquário

Praça Cavalinho Branco – 410 – Águas de Lindoia – SP
Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180